EUGENIO DE CASTRO

OARISTOS

Sala R
Gab.
Est.
Tab. 36
N.º 20

Sala R
Gab.
Est.
Tab. 36
N.º 20

R/36/20

Alberto Vianna
ENCADERNADOR
Coimbra

EUGENIO DE CASTRO

OARISTOS

COIMBRA
Livraria Portugueza e Estrangeira
de Manuel d'Almeida Cabral
163 — Rua da Calçada — 165
1890

OARISTOS

A Remy de Gourmont,
en toute sympathie,
Eugénio de Castro

Portugal:
Coimbra, r. du Cosme, 11

12 août

Tiragem de 300 exemplares numerados

N.º 151

CATALOGADO
nº 2616

EUGENIO DE CASTRO

OARISTOS

COIMBRA
Livraria Portugueza e Estrangeira
de Manuel d'Almeida Cabral
163 — Rua da Calçada — 165
1890

CASA DE SOLA

EUGENIO DE CASTRO

OARISTOS

O auctor d'este livro não espera o favor do publico nem os louvores da imprensa: aquelle deixará que os OARISTOS amarelleçam nas montras dos livreiros, esta encontrará occasião de exhibir a sua talhante e acutangula dicacidade.

A despeito, porém, d'essa dicacidade e d'essa indifferença, o Poeta saberá ficar tranquillo, consoladamente consciente de que fez um livro *honrado*.

Com duas ou tres luminosas excepções, a Poesia portugueza contemporanea assenta sobre algumas dezenas de coçados e esmaiados *logares communs*.

Taes são:

Olhos côr do ceu, olhos comparados a *estrellas, labios de rosa, cabellos d'oiro e de sol, creanças timidas, timidas gazellas, brancura de luar e de neve, mãos patricias, dentes* que são *fios de perolas, collos d'alabastro e de cysne, pés chinezes, rouxinoes medrosos, brisas esfolhando rosas, risos de crystal, cotovias* soltando *notas* tambem *de crystal, luas de marfim, luas de prata, searas ondulantes, melros farçolas assobiando, pombas arrulhadoras, andorinhas para o exilio, madrigaes dos ninhos, borboletas violando rosas, sebes orvalhadas, arvores esqueleticas*, etc.

No tocante a rimas uma pobreza franciscana: *labios* rimando sempre com *sabios, perolas* com *cérulas, sol* com *rouxinol, caminhos* com *ninhos, nuvens* com *Rubens*, (?), *noite* com *acoite*, um imperdoavel abuso de rimas em *ada, ado, oso, osa, ente, ante, ão, ar*, etc.

No tocante a vocabulario uma não menos franciscana pobreza: talvez dois terços das palavras, que formam a lingua portugueza, jazem absconsos, desconhecidos, inertes, ao longo dos diccionarios, como tarecos sem valor em lojas de arrumação.

Taes são os *rails* por onde segue n'um monotono andamento de procissão, o comboio *mixto* que leva os Poetas portuguezes da actualidade, á Santa Apolonia da POSTERIDADE, Poetas sufficientemente timidos para temerem o vertiginoso correr do *expresso* da ORIGINALIDADE.

Inexperiente, o auctor dos OARISTOS teve um dia a candida ingenuidade de se metter n'esse moroso *mixto:* cinco annos supportou a lentidão da viagem e a má companhia, até que uma e outra começaram a incommodal-o de tal maneira, que resolveu mudar para o supracitado *expresso,* preferindo d'este modo um descarrilamento á seccante expectativa de ficar eternamente parado na concorridissima estação da VULGARIDADE.

Depois d'aquella resolução, o primeiro acto praticado pelo Poeta foi a rescisão do contracto feito com a casa Guillard-Aillaud, de Paris, que lhe tomára a edição d'um livro, NOVAS POESIAS, para o qual Columbano Bordallo Pinheiro, o nosso primeiro Pintor, começára algumas preciosas illustrações, para o qual João de Deus, o nosso primeiro Poeta, escrevera esta penhorante

CENSURA

«Tem phantasia, coração sensivel
«E, apezar de baixinho, ergue-se ao nivel
«De mais d'um escriptor, que em verso e rima
«Ahi cultiva a lingua com primor.

«Como qualificador,
«(Por commissão e favor)
«Amigo e admirador
«Voto que a obra se imprima.

«Taxal-a... taxe o leitor.»

Inutilisou todos os trabalhos feitos, determinou recomeçar, por um caminho, que não fosse a rotina, e fixou como suprema ambição, a gloria de poder um dia repetir com consciencia as nobres palavras de Musset: «*mon verre est petit, mais je bois dans mon verre.*»

Os OARISTOS são as primicias d'essa nova *maneira* do Poeta.

Registrando:

Este livro é o primeiro, que em Portugal apparece defendendo a liberdade do Rythmo contra os dogmaticos e estultos decretos dos velhos prosodistas.

As ARTES POETICAS ensinam a fazer o alexandrino com cesura immutavel na sexta syllaba. Despresando a regra, o Poeta exhibe alexandrinos de cesura deslocada e alguns outros sem cesura. Tal fizeram em França, Francis Vielé-Griffin e Jean Moréas. Fallando d'este, o critico Felix-Fénéon escreveu: «*Moréas «répudie toute règle preétablie pour la contexture de ses vers, ne «veut pas les jalonner d'équidistantes césures: apparente revolte, qui «n'est qu'une soumission plus féale aux lois de la logique, et qui «l'astreint à calculer pour chaque vers une corrélation entre la «position des syllabes toniques, la donnée thé'matique et les «intervalles. Tels les maitres impressionistes, qui, au lieu de «préparer sur la palette la valeur d'un morceau en un bas mélange «où s'aveulissent les couleurs, les trouvent sur la toile par l'action «des tons purs les uns sur les autres.*»

Os alexandrinos são lançados em parelhas, mas os ultimos quatro versos de cada poema teem (tal se faz nos tercetos), suas rimas crusadas. Salvo erro, é a primeira vez que assim se corta o alexandrino.

Pela primeira vez, tambem, apparece a adaptação do delicioso rythmo francez, *rondel*.

Introduz-se o desconhecido processo da *allitteração:* veja-se o poema XIII e muitos versos derramados ao longo d'esta silva.

Ao contrario do que por ahi se faz, ornaram-se os versos de rimas raras, rutilantes: na mais extensa composição, a composição V, que tem cento e sessenta e dois alexandrinos, não se encontra uma unica rima repetida.

O vocabulario dos OARISTOS é escolhido e variado. Algumas palavras menos vulgares darão certamente logar aos commentarios causticos da *critica*. Embora.

O Poeta empregou esses raros vocabulos:

Em primeiro logar, porque ás fastidiosas periphrases prefere o termo *preciso;*

Em segundo logar, porque pensa, como Baudelaire, que as palavras, independentemente da ideia que representam, teem a sua belleza propria. Assim: *gomil* é mais bello que *jarro*, *cerusa* mais bello que *alvaiade*, etc.;

Em terceiro logar, porque se sente irresistivelmente attrahido pelo estylo chamado *decadente* que tão bem definido foi por Théophile Gautier: «*style ingénieux, «compliqué, savant, plein de nuances et de recherches, «reculant toujours les bornes de la langue, empruntant à «tous les vocabulaires techniques, prenant des couleurs à «toutes les palettes, des notes à tous les claviers, s'efforçant «à rendre la pensée dans ce qu'elle a de plus ineffable, et la «forme en ses contours les plus vagues et les plus fuyants «écoutant pour les traduire les confidences subtiles de la «névrose, les aveux de la passion vieillissante qui se déprave «et les hallucinations bizarres de l'idée fixe tournant à la «follie... Ce n'est pas chose aisée, d'ailleurs, que ce style «méprisé des pédants, car il exprime des idées neuves avec «des formes nouvelles et des mots qu'on n'a pas entendus «encore...*»

Taes são, summariamente, as capitaes innovações que este livro apresenta.

Coimbra, 10 de janeiro de 1890.

«Ardent oaristys dont le dénouement
«chaste est plus brulant que tout
«autre imaginable...»

Paul Verlaine.

I

Triumphal, vesperal, mineralmente rubro,
Na diaphana paz d'um poente d'outubro,
O sol, esfarrapando o incenso dos espaços,
Caminha para a morte em demorados passos,
Como as bandas que vão a tocar nos enterros...
E surgindo detraz de acuminantes serros,
A lua exicial, a lua de mãos bellas,
Tecedeira do azul tece, n'um tear d'estrellas,
Um lenço branco, um lenço alvissimo e brilhante,
Para acenar com elle ao sol, seu ruivo amante...

Sobre o brumal jardim caem penumbras lentas.

Em seus vasos de louça as flores somnolentas
São berços emballando o dormir dos insectos;
A alma d'um arroio entre avencas e fétos
Suspirosa murmúra em cascaveis de prata;
Velha Niobe chora ao longe uma cascata;
Explendem girasoes como fulvas custodias;
Canta um auléte em dolentissimas monodias;

E á flor d'um lago, onde o sol cae em flavos feixes,
E onde passam legiões d'escarlatinos peixes,
A' flor d'um lago azul circumdado de buxo,
Symbolico, real, levanta-se um repuxo,
Como uma grande flor de crystal a cantar!

Foi n'uma hora assim mansa, crepuscular,
Que ao longo d'esta extensa e folhosa alameda,
Altiva, imperial, entre um rugir de seda,
Vi pela vez primeira a Eleita de minh'alma,
A grande Flor subtil, inegualavel, alma,
A Maior, a mais Bella, a mais Amada, a Unica!

Vinha gloriosa e triste, envolta em negra tunica,
Que no chão se rojava em ondulantes dóbras,
Tinha no calmo andar a elegancia das cobras
A leveza d'um espectro e a graça d'uma amphora,
E assim como n'um golpe um alvo pó de camphora,
O seu olhar fazia doer, olhar profundo.

Eu era n'esse tempo um grande vagabundo,
Mysantropo infeliz, viuvo d'illusões;
O sinistro fragor das mundanas paixões.
Não chegava de ha muito a meus ouvidos lassos;
O egoismo, o grande rei, cingira-me em seus braços;
De ninguem tinha dó, de ninguem tinha inveja...
Contemplando de longe a sordida peleja,
Esta infrene peleja a que chamamos *vida*,
Seguia, alheio a tudo e de cabeça erguida,
Vencido, mas altivo e forte em meu orgulho.
A duvida, funesto, ardente sol de julho,
Queimára, rudemente, a flor da minha crença;

Em meu peito reinava a fria indifferença;
Tinha descarrilado o vagon dos meus sonhos;
Meus dias eram maus, longuissimos, tristonhos,
A minha mocidade era uma ruinaria.

Mas ao vel'A surgir triumphalmente fria
Gracil como uma flor, triste como um gemido,
Meu peito recobrou o seu vigor perdido,
Todo eu era contente e alegre como um rei.
E cheio de surpreza, abysmado, fiquei
A olhar o seu perfil e o garbo do seu collo,
Cheio de admiração, como um homem do pólo
Quando, depois de ter supportado os revezes
D'uma noite cruel e fria de seis mezes,
Vê surgir, entre a neve, o sol com brilhos ruivos!

Auguralmente, o vento, em funerarios uivos,
Arrastava no chão milhões de folhas mortas,
E a sombra densa abria as fortissimas portas
Do castello do Medo e da Hallucinação!

O ceo fulgia como a cauda d'um pavão.

E a grande Flor passava, imperturbavelmente,
Com seu rosto nutante, e seu olhar albente,
Hieratica, lembrando as mysticas imagens,
Emquanto os olhos meus seguiam como pagens,
O seu rythmico andar somnambulo e moroso...

Assim me appareceu o Lyrio tenebroso,
Cujo ar desprezador me fére e vampirisa,
Creatura esphyngial, triste como Artemisa,

Vingativa, feroz e linda como Phasis,
Flor cujo corpo é o aprilino oasis,
O caravançará que, por noites insanas,
Vão demandando embalde as longas caravanas,
As caravanas dos meus nomades desejos,
Assim eu vi brilhar seus olhos malfazejos,
Assim me deslumbrou a graça do seu busto!

Hoje venho cantar em verso nobre e augusto
Seus algidos desdens, tão frios como um tumulo,
E seu corpo que é a quinta-essencia, o cumulo
Da esveltez, do frescor, da graça feminina.

Flor bizarra que eu vi á hora vespertina,
Flor marcescente que eu constantemente sigo,
Flor que olho sem cessar, como um estylita antigo
Olhando o flavo sol, de pé, n'uma columna,
Flor de trigueiras mãos, de cabelleira bruna,
Em teu regaço ponho este livro imperfeito
Mas que sobejamente e claramente mostra
Que vive um grande amor agarrado ao meu peito,
Como a perola astral vive agarrada á ostra!

Coimbra, 5 de novembro de 1889.

II

Em verso vou cantar o meu Diamante preto!

Primeiro cantarei o seu geral aspecto;
Depois celebrarei os seus encantos varios
Dos seus olhos aos seus cabellos mortuarios;
Psychologo, direi depois como Ella pensa,
Por ultimo direi a sua Indifferença.

Flexivel como um junco e esvelto como um fuso
Seu nubil corpo tem, n'um dualismo confuso,
A finura do lyrio e o garbo das serpentes;
Soberba e esguia com seus passos indolentes
Quando caminha lembra uma tulipa a andar;
Lenta e subtil, parece até que vae no ar,
(Como um caule de flor), levada pela aragem;
Basta vel'A uma vez para que a sua imagem

Leve, tão leve como os perfumes e o som,
Fique vibrando em nós eternamente com
A doçura sem par d'uma voz que se extingue...

Franzino e original seu corpo é um moringue
Em cujo collo estreito alguem tivesse posto
Um moreno botão de rosa-chá, — seu rosto,
Gracil botão que exhala uma essencia secreta,
Botão onde poisou nocturna borboleta
Com azas negras, muito negras, — seus bandós.

Sua desfallecida e liquescente voz
Dorida como um ai e lassa como um canto,
Sua languida voz, maravilhoso encanto
De que Ella e Ella só possue o monopolio,
E' um fio de velludo, um suavissimo oleo:
Suave a sua voz suave se derrama...

Seu halito é um philtro intenso que embalsama,
Subtil como o ananaz, forte como um veneno.

Seu pescoço sem par é um cortiço moreno
Que os meus desejos vão circumdando em colmeia.

Tem musica no andar quando á tarde passeia
No seu alto balcão ladrilhado em losango.

A sua bocca é um sorvete de morango.

Seu magro busto oval brilha como um santelmo
Sob o seu penteado esse ebanico elmo
Pesado e nocturnal com reflexos azues.

Seu gesto excede em graça as larvas dos paúes
Que em curvos voos vão voando á flor dos pantanos.

Tem as unhas d'opala.
O seu riso quebranta-nos,
Vibrante de coral.

Seus cilios são de seda.

Seu capitoso olhar é um vinho que embebeda.

Seus negros olhos são duas auroras negras!

Original, detésta as convenções e as regras:
Ama o luxo, o requinte e a excentricidade,
Faz aquillo que quer, impõe *sua* vontade,
Diz o que sente, sem lisonja, sem disfarce.

Cousa que muito poucos têm, sabe domar-se:
Como é medrosa, afim de ver se perde o medo,
A's quietas horas do Mysterio e do Segredo,
Percorre longos, funerarios corredores,
Onde pairam, chorando as suas fundas dores,
Phantasmas glaciaes, errantes e protervos!
Nervosa, com o fim de subjugar seus nervos,
Corta as unhas em bico, á guisa de punhaes,
Para as roçar depois em sedas e metaes:

— Chega mesmo a morder pedaços de velludo!

Detesta o movimento, as expansões e tudo
O que possa alterar o seu viver inerte;

Não costuma sahir; sonha; não se diverte;
Seus raros gestos são cheios de bizarria,
Finos, excepcionaes, sem par.
Pedi-lhe um dia
Que me dissésse qual é o sonho singular,
O sonho que Ella mais quizera realisar,
Aquillo que Ella mais desejaria ter,
Ao que Ella respondeu:
«*Desejava viver*
«*No polo norte, n'uma estufa de crystal!*»

Odeia a luz; ama a penumbra vesperal;
Odeia o piano; adora o som lento do orgão;
E suas finas mãos que bem raro me outorgam
A permissão de as oscular, suas mãos finas,
As suas mãos archiducaes, longas, divinas,
Não sustiveram nunca o peso d'uma agulha.

Ama os perfumes e as visões; odeia a bulha;
Seu corpo estonteador e languido que exhala
Doces e sensuaes aromas de Sofala,
Do Cairo, do Japão, do Yemen e da Persia,
Seu corpo sensual foi feito para a inercia:
— Até para fallar ás vezes tem preguiça!

Tal é a fria Flor taciturna, insubmissa,
Cujos olhos astraes cortam como estyletes,
Tal é a bem Amada impassivel, trigueira,
Cujos olhos astraes, — agudos alfinetes,
Férem meu coração, — sanguinea pregadeira!

Coimbra, 15 de novembro de 1889.

III

«Ô la pure, ô la soëve, ô l'alme!»
Ch. Vignier.

Bocca de belladona e de coral,
Rubro berço onde dormem meus desejos,
Escarlatina aurora boreal,
Abre-te em risos, desabrocha em beijos!

Faces que sois côr da manhã que acorda,
Quando o luar começa a dissolver-se,
Deixae que vos macule, que vos morda,
Como quem morde um velludoso alperce!

Trança nocturna, mãe dos meus assombros,
Negra como as visões negras do haschich,
Desenrola-te e cae sobre os seus hombros
Como uma tempestade de azeviche!

Microscopicos pés que andaes calçando
Leves chapins de sêda azul ferrete,
Caminhae, caminhae n'um rythmo brando,
Sobre os meus versos como n'um tapete!

Recurvas, arqueadas sobrancelhas,
Fechae o seu olhar que me conduz,
Fechae seus olhos ageis como abelhas,
Fechae-lh'os n'um parenthesis de luz!

Voz unctuosa de magoado som,
Leva-me, ó voz que na minh'alma flues,
Rapidamente, como n'um vagon,
Da phantasia aos páramos azues!

Aperitivos como um fructo acre,
Torres de difficilima conquista,
Seios morenos com botões de lacre,
Gemeos morenos, deslumbrae-me a vista!

Olhos castanhos, agathas de preço,
Brilhantes e lugentes como Osiris,
Amendoas que ambiciono, que appeteço,
Accendei no meu peito um arco-iris!

Coimbra, 25 de novembro de 1889.

IV

Toda a camara tem um ar lento d'estufa.

Como palpebra lassa a mysteriosa adufa
Protege maternal a janella e só deixa
Entrar da luz doirada uma tenue madeixa,
Loira madeixa que, passando, atravessando,
N'um discreto fulgor avelludado e brando,
O *transparente*, que é d'um verde intenso e agudo,
Se faz verde tambem e torna verde tudo.

Ora, alem d'essa luz, a cor que predomina
Na ornamentação requintada e supina
D'este morno salão, essa côr é a verde.

De maneira que, quando o meu olhar se perde
A olhar, a analysar o que tenho em redor,
Desde o verde gomil onde uma verde flor
Encurva seu pescoço em morosa attitude,
Até ao setim verde antipathico e rude
Dos reposteiros e dos longos espaldares,

Quando ebrio de côr, passeio os meus olhares
Desde os bronzes subtis moldados em Florença,
Desde o espelho que lembra uma lagôa immensa,
Té á seda do muro ornada de grinaldas,
Parece-me ver tudo atravez de esmeraldas!

E' n'essa requintada e exquisita atmosphera
Que eu vejo ao fundo a grande e triste Flor severa,
A desdenhosa Flor somnolenta e sublime,
Que me accusa de A amar como de um grande crime.

Quebrantado, tolhido em seu torpor constante,
Seu corpo insexual d'ephebo e de bacchante
Tem a graça d'um caule e esveltez das abelhas;
Recurvadas, em til, as suas sobrancelhas
Scintillam de surmeh, e seus olhos de lynce,
Gelados como o olhar d'um sabio que destrince
Um problema cruel, são d'um negror d'amoras.

Distrahida folheia um velho livro de HORAS,
Florido de ogivaes e aureas illuminuras,
Onde ha Santos sorrindo em mysticas posturas
E Seraphins tocando o cymbalo e o ascior.

A minha Flor polar, para admirar melhor
Esse livro que tem o brilho dos sanctuarios,
Fez accender ao pé de si dois lampadarios.
O da direita tem o globo roxo e tinge
Metade do seu busto ineffavel de esphynge
Com uma arroxeada, avioletada tinta:
O da esquerda possue o globo azul e pinta
D'um vivo azul a parte esquerda do seu rosto.

Effeito excepcional!
O' cores do sol posto,
Cores que brilhaes n'um polychromo lampejo,
O que sois vós ao pé d'isto que agora vejo?
Ao pé d'isto o que sois, bellos kaleidoscopos?
E tu doirado Sol, ó Rei dos heliotropos,
Tu que fazes andar teus subditos á roda?

A perfumada alcova é toda verde, toda...
E de cabellos sob um veo pesado e frouxo,
Esse busto adorado, esse busto secreto,
Surge — metade azul e outra metade roxo...

— Tulipa bicolor do mais bizarro aspecto!

Royan, 28 de julho de 1889.

V

Casamento real. Um dia de torqueza.
Passa o cortejo. A noiva, uma lactea Princesa,
Cyclamen roseo d'uma elysia formosura,
Tranças d'oiro tostado, olhos d'agatha escura,
Fragil como um jasmin que o vento sobresalte,
Bocca em sorriso, d'um delicioso esmalte,
Diamantes no collar, nos brincos e no broche,
Destaca, branca, sobre o carmezim d'um coche
Mandado construir por El-Rei D. João V.

Flavo como um licor das vinhas de Coryntho,
O eterno sol, o velho sol parece novo...
Intenso brouhaha. Duas orlas de povo
Bordam, cheias de cor, a rua onde o cortejo
Vae lento a caminhar, n'um continuo lampejo,
N'um chromatismo astral d'oiro e de brocateis.

Pagens em setim claro, as frontes em anneis,
Loiros perfis reaes, Princezas sensitivas,
Espumeos falvalás, boccas aperitivas,

Marquezas, Cortezãos e Principes brilhantes,
Alvas Damas d'honor, Heraldos, Passavantes,
Fidalgos, o Cardeal em seda côr de vinho,
Tricornes e librés com geadas d'arminho,
Tudo isto passa, n'uma extensa serpentina,
Em quanto a tarde azul e doirada declina,
Em quanto ferve, rubro, em brilhos auroraes,
O metallico som das bandas marciaes...

*

A' noite, morto o sol n'um poente d'escabiosa,
O povo n'uma onda immensa e curiosa
Vae ao Aterro ver o fogo d'artificio.
Eu vou tambem na onda.
A Honestidade e o Vicio,
A farda limpa e a ennodoada blusa,
Rostos lascivos com esmaios de cerusa,
Rostos virgens, liliaes, d'ambreados tons de cêra,
Boccas frias, sem côr, boccas em primavera,
Tranças andrinas e tranças acervejadas,
Mãos em esmola e mãos patricias, armilladas,
O Incomprehendido, o Padre e a Costureira honesta,
— Tudo o que uma cidade enorme, como esta,
Contém dentro de si, do seu disforme ventre,
Tudo o que existe, tudo o que formiga entre
Os seus bairros, os seus jardins, as suas praças,
Desde a Opulencia ás mais reconditas Desgraças,
Desde o Ladrão mais vil ao Banqueiro mais nedio,
Desde a saude em flor á doença sem remedio,
Tudo isso despovoou Lisboa e anda agora
A pollular aqui n'uma vaga sonora,
N'uma promiscuidade incoherente, infame...

No ceu d'azul da Prussia o estrellejante enxame
Arde em torno do luar lactescente e mortiço,
Como abelhas de prata em redor d'um cortiço...

*

Começa o fogo.
Ao ar cupulado e disforme,
Como um repuxo em flamma, a arder, sóbe uma enorme
Girandola que, albente e viva, se desfaz
Em prantos d'esmeralda, em flores de lilaz,
Em gottas de diamante e pingos d'escarlata.

Grandes cobras de luz hyallina, de prata,
Vermiculam o ceu, doidamente, sem rumo,
Deixando atraz de si outras cobras de fumo,
E branqueando um instante a cidade sombria
Com tamanho vigor que até parece dia...
De subito, porém, apagam-se essas cobras...
E Lisboa recae nas pardacentas dobras
D'uma grande penumbra impenetravel.
N'isto,
Sobem de novo ao ceo, n'um fulgor imprevisto,
Novas cobras de luz, e de novo a cidade
Resurge em nupcial e polar claridade
E torna a recahir na habitual penumbra!

Cheira a polvora. O fumo sobe. O ceu deslumbra.
Raiam do Tejo á flor vermelhidões d'incendio.
D'uma banda o clangor ala-se ao ar e fende-o
Com grandes vibrações metallicas de cobre.
Uma nuvem morena, aperolada, encobre

A lua d'um palor leitoso d'algodão...
Troam morteiros: e na espessa multidão
Cruzam-se doidamente, epilepticamente,
N'um grande borborinho ennervante e fremente,
Murmurios, risos, ais, imprecações, apupos...

*

Eu no entretanto vou analysando os grupos.

Muitos petizes d'um aspecto nauseabundo,
Hypnotisados, sem fallar, olhar profundo,
Embryonarios ladrões pervertidos e arteiros,
Circumvagam, scismando, ao pé dos taboleiros
Onde ha favas, pasteis e queijadas de Cintra.

Um sycophanta rôto, esqualido, pelintra,
A um sujo grupo expõe o seu ideal politico;
Falla da escravidão com gesto apocalyptico,
Roga pragas a Deus, á Rainha, aos Mjnistros,
E abrindo e dilatando os seus olhos sinistros,
Raivosos e fataes, ignios como ferretes,
Diz: «*O povo tem fome e o Rei deita foguetes!*

Nada pela atmosphera um nevoeiro branco.

Subito, juncto a mim, vaga um logar n'um banco;
Sento-me n'elle, ao pé d'um homem novo ainda
E d'uma rapariga immensamente linda
Em cujos braços dorme um lindo pequerucho.
E' marido, mulher e filho. Nenhum luxo,
Mas limpos, com decencia. Ella rosada e alva,

Um vestido de lã, singelo, verde-malva,
Nas tranças um chapeu enramado d'asperolas,
Nas orelhas, em concha, uns brincos d'oiro e perolas,
Sobre os hombros um chale agasalhando o filho.
Seus olhos garços são cheios d'um grande brilho...
Elle de *sobretudo* e fraque, chapeu alto,
Enluvadas as mãos, gravata azul cobalto,
Sem exageros mas aceiado e correcto.
E' talvez burocrata ou negociante. O aspecto
D'este grupo burguez e alegre mostra logo
Que hão de passar, viver, livres, com desafogo,
Uma vida feliz, sem luctas, sem escolhos,
O peito sempre em flor, cheios de luz os olhos,
Amando n'um amor doce e confortativo...

E, preso d'esta ideia, eu, que actualmente vivo
Colhendo os teus desdens, morena Flor precóce!
Sem que o teu negro olhar a existencia me adóce,
Começo a construir chymericos castellos,
Cheios de luz e côr, absurdamente bellos!
Sonho uma casa branca á beira d'agoa, um palmo
De terreno onde eu, campestremente calmo,
Cultivasse rozaes e compozesse idyllios,
Celebrando em abril os alados concilios
Das vespas no estellar Vaticano das flores,
Sob um irideo ceu colmado de fulgores;
Sonho comtigo, ó nobre e pallida insubmissa
Pallida e triste como uma ingenua noviça,
Sonho o grande tormento amargo e delicioso
De n'um verso imitar, n'um verso glorioso,
A tua lenta Voz de accentos longos, lentos,
Voz somnolenta, lenta, e cheia de lamentos,

Voz somnolenta que é, morena que me ennervas,
Como os lamentos dos arroios sob as hervas!

De repente, porem, desperto do meu sonho,
Ao magoado chorar, suffocado e tristonho
D'uma bocca infantil. Olho e vejo de bruços,
Deitada sobre o chão, em continuos soluços,
Uma creança que parece ter dois annos,
Loira como um faisão, alva como os goelanos.
Levanto-me e levanto a creança cahida,
Limpo-lhe a roupa e a carita humedecida
Pelo chôro: depois fico á espera que alguem
A leve.
Busco em roda, espero, mas ninguem
Apparece, ninguem reclama a pequenita
Que se estorce a chorar, asphyxiada, afflicta.

Comprehendo então que está perdida; e n'este caso
O que devo fazer? entregal-a ao acaso?

N'isto, o homem que está sentado ao pé de mim
E que tem presenceado a scena diz-me assim:
«*Segundo penso, aqui o que ha a fazer*
«*E' confiar a creança a um policia qualquer;*
«*Eu mesmo o vou chamar...*»
Subito, a mulher d'elle,
Esmaiado o perfil, as tranças côr de mel,
Diz-lhe ao ouvido:
«*João, a creança talvez*
«*Tenha fome, quem sabe? ora repara, vês*
«*Como está magra e tem o rosto macilento?*
«*Ora por isso, João, pega só um momento*

«*No nosso filho...*»
E com suas mãos d'alabastro
Toma o filhito branco e loiro como um astro
E do marido sobre os braços vae depol'o.

Resoluta, depois, arranca-me do collo
A creança, e n'um gesto insinuante e nobre,
Sem vergonha da luz clarissima do luar,
Compondo-lhe primeiro o vestidinho pobre,
Desaperta o corpete e dá-lhe de mamar.

Coimbra, 29 de janeiro de 1889.

VI

A lilial Virgem Maria,
Todas as tardes, ao poente,
Surge na lua marcescente,
— Celestial janella fria.

D'essa janella liquescente
Vê tudo, tudo, e tudo espia,
A lilial Virgem Maria
Todas as tardes, ao poente.

Lá vem a lua fugidia...
Sê minha amiga, ó Flor dormente!
Esse teu ar indifferente,
Esse teu ar desgostaria
A lilial Virgem Maria.

Blanquefort, 5 de agosto de 1889.

VII

Paris ao fim da tarde. Horas em Notre-Dame.

Formiga pelo caes um pintalgado enxame,
Bizarro e original museu d'ethnographia,
Ambulante, exhibindo, á luz escassa e fria,
Uma variedade excepcional de typos:
Chinezes de cabaia, obesos como pipos,
Um ou outro escossez de joelhos á vella,
Sisudos europeus de fita na lapella,
Inglezas varonis d'um frescor de manteiga,
Angulosos judeus, russas de fronte meiga,
Malandros de Paris, Princezas da Circassia.

Escorre pelo ar uma tinta violacea.

O ANGELUS. A tarde é humida e serena.
Um doirado *vapor* corta o dorso do Sena;
Deixam de fumegar as vastas officinas;
Vão fluindo brumaes e leves musselinas...

O sol é um ramo d'oiro, a arder, que se desfolha...
E a lua circular, semelhante a uma bolha
Prestes a rebentar á flor d'uma nascente,
A lua circular, sedosa, evanescente,
Surge vaga, detraz do nevoeiro denso,
— Hostia vista a travez d'uma nevoa d'incenso.

Depois de ter andado um kilometro ou mais
Ao longo d'este infindo e rumoroso caes,
Eis-me chegado emfim a casa.
Silenciosa,
Aguarda-me na alcova a grande desdenhosa,
A minha glacial e trigueira inimiga.

Encontro-A inerte sobre uma poltrona antiga,
Cujo espaldar exhibe um rútilo brasão:
Sobre um campo d'azul flordelysado um leão
Rompente, ao alto o elmo aberto, e derredor
Paquife com metaes de variegada côr.

A minha Amada está triste como um crepusculo...

Seu corpo virginal, ethereal, minusculo,
Repousa immovel, como os marmores das campas;
Suas esguias mãos, duas finas estampas,
Dormem longas, subtis, em seus magros joelhos;
Suas unhas, em bico, explendem como espelhos;
Seu labio rubro tem uma expressão extranha;
Sua roupa rescende a *chypre* e a *pel'd'Hespanha;*
Afaga-lhe o pescoço uma pelliça clara,
E seu cabello, que é d'uma opulencia rara,
Encobre, como um manto, os braços da poltrona.

Vendo-me entrar, scintilla um fulgor dubio á tona
Dos seus olhos que são duas noites de chuva,
Olhos negros que são dois negros bagos d'uva.

Beijo-lhe as mãos: tem febre.
Então, devagarinho,
Tentando dar á voz a macieza do arminho,
Descrevo-lhe o que fiz durante o dia inteiro;
Depois, co'a submissão servil d'um prisioneiro,
Peço-lhe que me diga uma palavra apenas,
Se sou eu que A aborreço e se quer que me vá,
Mas que falle, que não seja tão fria e má...
E Ella entreabrindo o olhar onde o desdem se esconde,
Olha-me friamente, olha-me e não responde...

Começo então a ler-lhe uns versos que lhe fiz
Com rimas d'um valor de sardios e rubis,
Versos onde celebro, em rythmos preguiçosos,
Do meu violento amor os impetos fogosos,
E a frieza polar do seu polar desdem.
Ella ouve em silencio; e a pezar de ver bem
A grande excitação que no meu peito lavra,
Immovel, não me diz a minima palavra...

Por fim em suas mãos magras, onde esfusia
De pesados anneis a albente pedraria,
Ponho de cravos um nupcial ramo virginio,
Ella, porem, abrindo os seus labios de minio,
Cheira os cravos com gula e não m'os agradece.

Desanimado então, vendo que permanece
Com a firme intenção de não me responder,

De não me dar um riso ou um olhar sequer,
Desanimado então, vou-me sentar a um canto
Da pequenina alcova escurecida, emquanto
O doirado brazão da preciosa cadeira
Explende vivo e cérca a morena, trigueira
Fronte da minha doce Amada, como um nimbo.

Nevrotico, a scismar, accendo o meu cachimbo.

Subito a sua voz unctuosa se alevanta,
Voz que chora dorida, e ao mesmo tempo canta,
Voz que me diz assim:
«*Incommoda-me o fumo...*»

Noite. A Lua caminha absorta, no seu rumo,
Branca, d'uma brancura ascetica de monja...
Ceu de velludo pardo. Assim como uma esponja
Que apaga n'uma lousa um desenho infantil,
Assim a treva vem densissima, subtil,
Diffluindo, apagando os contornos das cousas,
Creando espectros maus e sombras mysteriosas,
Sinistra, dando a tudo uma apparencia nova.

Parece que choveu cinza na nossa alcova!
Tudo é cinzento, tudo: os moveis, o tapete,
A poltrona da minha Amada, o seu corpete,
Seus cabellos sem par, essa luctuosa messe,
Que nos hombros lhe cae como um negro diluvio,
E seu busto cruel que de perfil parece
Um camafeu cortado em lava do Vesuvio.

Paris, 26 d'agosto de 1889.

VIII

Pelo Père-Lachaise ando passeando, errando...
Como no espirito as ideias, vae um bando
De folhas mortas, amarellas, pela rua...
Sedosa a luz do sol, sedosa, se attenua,
E seus raios subtis, cabellos loiros, pallidos,
Doiram ao longe o aureo domo dos Invalidos.
Em que estarás pensando agora, minha Amada?
Passa um enterro: é uma creança. Amargurada
Vae atraz do caixão a mãe. Se houvesse ceu!
Páro um instante a examinar um mausoleu.
Do nevoeiro desce a musselina clara.
A tua idiosyncracia é extranha e rara:
Adoro e admiro, Flor, teus requintados gostos.
Como são autunaes aqui estes agostos!
Ah! o sol portuguez! Scismando, passo ao pé
Do tumulo onde dorme Alfredo de Musset:
Pende um fresco chorão sobre o sepulchro branco;
Ao piedoso chorão, em pranto verde, arranco
Uma virida folha e ponho-a na botoeira.
Diademada com botões de larangeira

Vejo-te em sonhos, virginal p'lo braço *d'outro*...
Meu espirito, assim como um indomavel pôtro,
Galopa na planicie infinita do sonho.
Sem Ti o meu viver é frigido e tristonho.
O jazigo onde está Balzac. Humida e fria
A cambraia brumal cerra-se. Hei-de ir um dia
Visitar a Montmartre o amado Baudelaire.
Teu suggestivo olhar, o teu olhar suggere
Bellas viagens por inexploradas terras.
Belleza imperial! Illuminas e aterras!
Treme um cypreste desfolhado, quasi nú.
Se eu te morresse, Amor, que sentirias tu?
Escuta-se Paris, ao longe, a respirar.
Aqui repousa Michelet. Vamos ter chuva.
Por entre os mausoleus caminho a imaginar
Como é que ficarás vestida de viuva...

Paris, 30 de agosto de 1889.

IX

Seis de setembro, sexta-feira. A minha Amada
Vae hoje ao *Bosque*. Uma caleche armoriada
Parou á porta. Tres da tarde. Alegremente,
A linda Flor original veste-se em frente
D'um largo espelho, um claro espelho de Veneza.
A sua saia de boreal setim framboeza,
Lava tecida, fulgurando em rubros brilhos,
Lembra uma chamma e é borrifada de vidrilhos;
O seu casaco é de velludo, e de Bruxellas
As rendas creme, amarelladas, finas, bellas,
Dos seus sem par pulsos subtis, liliputianos...

Abdul Medjid, um pagem turco de dez annos,
Moreno e com olhos que são duas cyamitas,
Todo curvado e ajoelhado, aperta as fitas
Dos seus sapatos ponteagudos, de verniz.

Cospem faúlhas os seus brincos de rubis;
O seu bonet é de astrakan castanho-tamara...

A minha Flor canta e sorri: e toda a camara
Se alegra ao som d'essa voz fina de calhandra.

No seio põe um botão ruivo de aphellandra,
No lenço deita o sensual *coiro da Russia,*
Nos hombros põe a negra capa de pellucia
Forrada com sedosas marthas zibelinas,
As mãos esconde em luvas longas e citrinas.

E é deliciosa a minha Flor de olhar augusto,
Com esse olhar fulgindo n'um rútilo jogo,
E erguendo os braços para pôr no fino busto
Um fino veu de fina gaze côr de fogo!

Paris, 6 de setembro de 1889.

X

«Un autre, plus heureux, va unir
«son sort à celui de mon amie. Mais,
«quoiqu'elle trompe ainsi mes plus
«chères espérances, dois-je la moins
«aimer ?»

Mackensie.

Tua frieza augmenta o meu desejo:
Fecho os meus olhos para te esquecer,
E quanto mais procuro não te ver,
Quanto mais fecho os olhos mais te vejo.

Humildemente, atraz de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Em quanto sinto para mim crescer
Dos teus desdens o frigido cortejo.

Sei que jamais hei-de possuir-te, sei
Que *outro,* feliz, ditoso como um rei,
Enlaçará teu virgem corpo em flor.

Meu coração no emtanto não se cança:
Amam metade os que amam com esp'rança,
Amar sem esp'rança é o verdadeiro amor.

Paris, 29 de setembro de 1889.

XI

Hoje o perfume que Ella traz é frangipana.
Seu rosto tem o ar de um lyrio que se fana,
Melancholicamente, á beira d'uma jarra;
Seu vestido talar d'uma fórma bizarra,
Torrente de velludo, afaga-lhe os artelhos,
E deixa ver os seus leves chapins vermelhos,
Complicados como os femininos embustes,
D'onde emergem, subtis, dois delicados fustes
D'uma graça tibial que me prende e deslumbra.

Sem par! assim de pé, immovel, na penumbra...

Venho encontral'A hoje alegre como nunca:
O tedio habitual que de ordinario junca
Os seus olhos hyemaes de tristeza e confrange
Seus labios n'um sorriso ironico, em alfange,
O tedio que A faz triste, o tedio que quebranta
Seu corpo longo, fino e mystico de santa,
Esse tedio fugiu e em logar d'elle vejo
A alegria, assim como um insecto ou como um beijo,

Poisar na sua bocca em viva alacridade.
Falla-me mansamente e sem a má vontade
Que mostrava, que tinha ha pouco tempo ainda;
E sua lenta voz d'uma doçura infinda,
Oleosa, crystallina, amollecida e calma,
E' um velludo branco a roçar-me na alma.

Como eu me sinto bem vendo-A sorrir-se, vendo-A
Com seus olhos niveaes, fendidos em amendoa,
Que cantam a canção do amor ao desafio!
Aquelle ar de desprezo enregelado e frio,
Com que Ella me cravava os seus desdens, mudou-se,
Transformou-se no ar mais affavel, mais doce...

Feliz de mim! Bem sei o que é que A faz contente!
Tudo n'Ella m'o diz aberta e claramente:
Foi o Amor que emfim A subjugou, o Amor
Que nos perfuma como um limoeiro em flor,
E nos embala como as agoas d'um regato,
O Amor, diamante preto, o Amor, o aereostato
Que nos conduz ao ceo distante da Chymera,
Galeota real ou rutila galera
Que no mar da Illusão caminha a todo o panno,
Astro que Deus mudou em sentimento humano,
Grande libertador dos carceres estreitos,
Trepadeira de luz que trepa em nossos peitos!

Foi elle e elle só que fez este milagre!
Elle que transformou o glacial vinagre
Da sua indifferença em saboroso mel,
Foi elle que mudou a minha Flor cruel
Elle que me fez aguia, a mim rasteiro verme!

E a minha Amada ri. Em breve vae fazer-me
As suas confissões mais intimas, contar-me
A excitação, o susto, o delicioso alarme
Que sentiu quando o meu amor A surprehendeu,
E a attracção que o seu negro olhar tem pelo meu;
Vae-me dar a razão do seu desprezo antigo,
Tratar-me como quem trata o melhor amigo,
Vae poisar sobre mim seus olhos, — ceus d'outomno,
E abandonar, sorrindo, em languido abandono,
Aos meus beijos febris seus dedos fuselados...

Tudo isto vae fazer a Flor dos meus cuidados!

Mas vejo que Ella hesita em começar. Tem medo
De me confiar o seu recondito segredo,
Segredo que lhe traz o espirito em refens...
Assim lhe fallo então:

«Dize-me o que é que tens,
«O que é que te faz rir, o que tens hoje em ti,
«Porque te vejo, Flor! como nunca te vi?
«Falla-me com verdade, abre-me esse teu seio,
«Vamos, meu doce Amor, falla-me sem receio,
«Ninguem nos ouvirá, esse teu susto, vence-o...»

Depois de me fitar um instante em silencio,
Os seus labios boreaes entreabriram-se assim:

«O meu Tedio habitual teve hoje a sua pausa,
«E, em verdade, não sei o que é que sinto em mim...
«Mas eu costumo rir como choro, — sem causa...»

Bordeaux, 2 de agosto de 1889.

XII

Depois de te seguir como um varlete
Eu contava-te o meu amor singello,
Quando ouvi uma voz, meu sonho bello,
Fria, cortante como um canivete:

«*Aquelle que contar todos os sete*
«*Flavos pontos de luz do* sete-estrello,
«*Entrará da Ventura no castello;*
«*Será feliz; co'a vida não se inquiete...*»

As sete estrellas d'oiro na amplidão
Quiz contar: só vi seis. E desde então
Embalde corro atraz de ti, de rastros,

Não venço nunca a tua Indifferença...
Da minha sorte a exicial sentença
Traçou-a Deus no alto azul com astros!

Salamanca, 30 de junho de 1889.

XIII

Na messe que enloirece estremece a kermesse,
O sol, o celestial girasol, esmorece...
E as cantilenas de serenos sons amenos
Fogem fluidas, fluindo á fina flor dos fenos...

As estrellas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Citolas, cytharas, sistros
E cymbalos,
Soam suaves, somnolentos,
Somnolentos e suaves
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De accentos
Graves,
Suaves...

Flor! emquanto na mésse estremece a kermesse
E o sol, o celestial girasol esmorece,
Deixemos estes sons tão serenos e amenos,
Fujamos, Flor! á flor d'estes floridos fenos...

Soam vesperaes as Vesperas...
Uns com brilhos d'alabastros
Outros loiros como nesperas,
No ceu pardo ardem os astros...

Como aqui se está bem! Alem freme a kermesse...
—Não sentes um gemer dolente que esmorece?
São os amantes delirantes que em amenos
Beijos se beijam, Flor! á flor dos frescos fenos...

As estrellas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Citolas, cytharas, sistros
E cymbalos,
Soam suaves, somnolentos,
Somnolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De accentos
Graves,
Suaves...

Esmaiece na mésse o rumor da kermesse...
—Não ouves este *ai* que esmaiece e esmorece?
É um noivo a quem fugiu a Flor dos olhos amenos,
E chora a sua morta, absorto, á flor dos fenos...

Soam vesperaes as Vesperas...
Uns com brilhos d'alabastros,
Outros loiros como nesperas,
No ceu pardo ardem os astros...

Penumbra de velludo. Esmorece a kermesse...
Sob o meu braço lasso o meu Lyrio esmorece...
Beijo-lhe os boreaes bellos labios amenos,
Bejo que freme e foge á flor dos floreos fenos...

As estrellas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos
Citolas, cytharas, sistros
E cymbalos,
Soam suaves, somnolentos,
Somnolentos e suaves
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De accentos
Graves,
Suaves...

Teus labios de cinabrio entreabre-os! Da kermesse
O rumor amollece, esmaiece, esmorece...
Dá-me que eu beije os teus morenos e amenos
Peitos! Rolemos, Flor! á flor dos floreos fenos...

Soam vesperaes as Vesperas...
Uns com brilhos d'alabastros,
Outros loiros como nesperas,
No ceo pardo ardem os astros...

Ah! não resistas mais a meus ais! Da kermesse
O atroador clangor, o rumor esmorece...
Rolemos, ó morena! em contactos amenos!
— Vibram tres tiros á florida flor dos fenos...

As estrellas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Citolas, cytharas, sistros
E cymbalos,
Soam suaves, somnolentos,
Somnolentos e suaves
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De accentos
Graves,
Suaves...

Tres da manhã. Desperto incerto... E essa kermesse?
E a Flor que sonho? e o sonho? Ah! tudo isso esmorece!
No meu quarto uma luz luz com lumes amenos,
Chora o vento lá fora, á flor dos floreos fenos...

Arcachon, 12 de julho de 1889.

XIV

Saude e Oiro e Luxo! A Primavera
Interminavel! Viagens! Dias lentos!
Inercia e Oiro! O nome aos quatro ventos!
Noites mornas d'amor! Tal a Chimera.

A Sombra! A falta d'Oiro que lacera,
E da mulher os falsos juramentos!
Correr mappas! Bocejos somnolentos!
— Ó mãe-Vida, o teu seio é de panthera!

Sonhamos sempre um sonho vago e dubio!
Com o Azar vivemos em connubio,
E, apesar d'isso, A ALMA continúa

A sonhar a Ventura! — Sonho vão!
Tal um infante, com a rosea mão,
Quer agarrar a levantina LUA!

Pessac, 17 de julho de 1889.

XV

Acorda Flor! Meu coração freme em ardentes
Delirios...
Vão-se estrellando os ceus azues, jardins florentes
De lyrios.

Vem! Verterei nas tuas pomas deliciosas
Illyrios
Perfumes! e porei nas tuas tranças rosas
E lyrios.

Que o teu luctuoso olhar, sonhada Aldebaran,
Collyrio,
Me afague os olhos! olhar casto como um bran-
co lyrio.

Teu frio ar quero, com beijos, sob um alamo,
Delir e os
Teus desdens, e enleiar teu corpo sobre um thalamo
De lyrios!

Não é original
Vid. António
Feijó.

Coimbra, 3 de fevereiro de 1890.

XVI

Avé! trigueira desdenhosa e triste,
Cheia de graça e de frescor sem par,
Bemdito seja o berço em que dormiste
E os peitos que te deram de mamar!

Como uma chamma cerula entre brazas,
Como uma tulipa entre malmequeres,
Como uma torre entre pequenas casas,
Bemdita sejas tu entre as mulheres!

Corpo virgem, tu que és o meu orgulho,
Tu que eu hei de violar um dia entre
Beijos tão claros como um sol de julho,
Bemdito seja o fructo do teu ventre!

Dôce Refugio, dôce Inspiradora,
O meu trigueiro e mystico cyclamen,
Unge-me com teu negro Olhar, *agora*
E na hora da minha morte. Amen.

Coimbra, março de 1889.

XVII

Á volta de Bordeus, n'um meio-dia autunal,
Parei em Burgos para ver a cathedral
E os tumulos do Cid e de Dona Ximena.

Cerebro calmo, corpo são, alma serena,
Cheio de força, de vigor, de agilidade,
Alegre entrei na melancolica cidade,
Alegre atravessei ruas negras, sombrias,
E um largo triste cujas arvores esguias
Levavam para o ar seus pobres braços seccos.
Temeroso cruzei labyrinthicos beccos,
Parei a analysar uma gothica fonte,
Até que, entrando n'uma praça, vi defronte
A velha cathedral, — sonho petrificado,
Nobre como uma nau, fina como um bordado.

Duas horas levei a ver o exterior,
Detalhe por detalhe: o precioso lavor
Das misulas e dos esveltos baldaquins
Arrendados como os gangeticos marfins,
As estatuas que estão ornando os botareus,

As gargulas ás mil, e os altos corucheus,
A laçaria em filigrana das cimalhas,
Os finos bestiães, emfim: todas as malhas
D'essa renda subtil, granitica, radiante.

Cançado entrei na Egreja. Um ar frio e cortante,
Um ar de mausoleu gelou-me como um banho:
E a escuridão, e o Christo ao fundo sobre o lenho,
E os tumulos em volta, e a vastidão da nave,
E o silencio, — um silencio adormecido e grave, —
E as columnas brutaes, e aquelle ar de segredo,
Tudo isso produziu-me a sensação do *medo*.

Lasso fui-me sentar n'um escabello de coiro.
No altar do Sacramento uma alampada d'oiro
Extinguia-se com brilhos exiciaes;
A luz ruiva do sol inflammava os vitraes
E accendia no chão tapetes de mil côres;
N'um nicho, olhos ao ceu, a Senhora das Dores
Tinha as mãos em ogiva, eburneas, afiladas.

Subitamente, ouvi ais frios e passadas.

Em sobresalto levantei-me do meu banco,
Olhei: — era um enterro e o caixão era branco.

Approximei-me então e vi — horrivel cousa! —
Que a morta lilial, pallida e melindrosa,
Que vinha no caixão, era a imagem perfeita
Do meu bizarro amor, de Ti, amada eleita
Que és o claro pombal das minhas esperanças!

A mesma edade, o mesmo tom bruno de tranças,
O mesmo talhe imperial das longas mãos,
O mesmo corpo, o busto egual, cilios irmãos.

Vinha atraz do caixão, com passo lento, incerto,
Um rapaz, a chorar, que era o noivo decerto:
Ao vel'o dir-se-ia a estatua do Desgosto...
Olhei-o dolorido e vi, — vi que o seu rosto
Era (presagio mau!) o meu fiel retrato!

E então sonhei um sonho funebre, insensato!

Incarnei-me no noivo, incarnei-te na morta,
Transpuz do desespero a tenebrosa porta,
Fizeram-se de cal os meus labios vermelhos,
Todo eu arrefeci, vergaram-me os joelhos,
Meu sangue interrompeu a viagem das veias,
Assaltou-me a cabeça um turbilhão d'ideias,
N'um confuso fragor, como uma ruinaria:
Semianime senti tudo o que sentiria,
Ó fonte do desdem, se eu te visse morrer!

.....

Desde esse dia, desde então, quero esquecer,
Mas sempre embalde, aquella scena pungitiva:
Vejo-te sempre, delicada sensitiva
Morta, bem morta, sobre o esquife, as mãos no peito,
Vejo-me a mim chorando o meu sonho desfeito,
Chorando o desabar dos meus aureos castellos,
Hallucinadamente, arrancando os cabellos!

Nunca, nunca me larga esta *obsessão* violenta:
Por onde quer que eu vá de mim nunca se ausenta;
Como uma sombra má persegue-me em surdina;
Vampirisa-me a vida, incómmoda clepsina;
Ella me faz amar os longos cemiterios,
As mattas cheias de sussurros, de mysterios,
E os sombrios paues cobertos de miasmas;
Ella me faz recear os lividos phantasmas,
Que andam de noite, em bandos lugubres, proscriptos;
Ella me suggeriu estes versos escriptos
Na minha alcova silenciosa, enfumaçada,
Hoje, 6 de dezembro, ás tres da madrugada,
Emquanto o meu relogio antigo de pau santo
Bate, isochronamente, ao pé de mim, emquanto
Tres rosas funeraes d'um palor ineffavel,
Tristes, vão definhando em seus vasos anhydros,
E emquanto vejo além a Lua formidavel
Como um craneo fatal a espreitar-me entre os vidros

Coimbra, 6 de dezembro de 1889.

XVIII

Na estufa, lendo um livro de botanica:
Uma das mãos afaga uma begonia,
Com a outra lacera uma tacsonia,
Nervosamente, frigida, tyranica...

O labio seu, rubra erupção vulcanica,
Entreabre-se com gelida acrimonia,
Seu lenço lança olencias d'escallonia,
Seu negro Olhar é uma noite hoffmannica...

—«*Flor mansa e alma, que em minh'alma vives,*
«*Amo os teus Olhos, como adoro, ó mansa*
«*Flor! os astros da montra d'um ourives:*

«*Lyncurios, rubins rubros e beryllos...*
«*Ao olhal'os, amarga-me a lembrança*
«*De que não hei de nunca possuil-os...*

Biarritz, 1 de setembro de 1889.

XIX

Doce, assim como os sons longinquos que a distancia
Avelluda, no ar morria a resonancia
D'um trecho embalador e dorido de Strauss.

Um grifo de faiança altivo abria a fauce
D'onde pendiam seis anemicas pionias;
Erravam na atmosphera olencias fugidias,
Pesadas, virtuaes, d'um sensualismo intenso,
Cinámomo, heliotropo, opopónaco, incenso.

Ella me disse então com pausada indolencia:

«Ao teu amor opponho a minha resistencia,
«Como ás ondas do mar se oppõe um espesso dique.
«Mas escuta-me bem: é justo que te explique
«A complexa razão do meu procedimento:
«Esta minha *frieza,* o meu *desprendimento*
«Não é orgulho, nem desdem, nem é desprezo.

«Attende, amigo meu:
«Dizes tu que andas preso,
«Preso do meu olhar, preso da minha voz,
«Que sou o teu encanto e o teu funesto algoz,
«Dizes que o meu amor é tudo o que ambicionas,
«Chamas á minha bocca irmã das belladonas.

«Calladamente, vou ouvindo o que me dizes,
«E mal tu sabes quantos dias infelizes
«Tenho vivido procurando pôr um termo
«Ao negro mal que roe teu coração enfermo.

«Fallas-me sem cessar; não te respondo nunca...
«E emquanto a dolorosa e forte garra adunca
«Do desespero fere esse teu peito em flor,
«Eu debato-me em vão, sem força, sem vigor
«Para accordar meu coração adormecido,
«Meu coração que é como um campo resequido
«Que não produz um fructo só que se aproveite;
«Esteril coração que é um seio sem leite,
«Frigido coração onde o tedio governa,
«Triste manhã sem sol, oasis sem cisterna!

«Ah! eu receio o amor, como receio a morte!
«Não me despertes, não! tu que és agil e forte
«Não me despertes, não, a mim debil, cançada...
«Ah! deixa-me viver assim anesthesiada,
«Inconsciente, quieta, indifferente a tudo,
«O olhar parado sempre, o labio sempre mudo,
«Circumdada de sons, perfumes e visões;
«O anacampsero, a flor que suggere paixões,
«Não venhas desfolhal-o em meu frio regaço;

«Deixa-me assim viver n'este quietismo lasso,
«Não venhas alterar meus dias longos, tristes;
«Não me falles d'amor; e, se acaso persistes
«Em procurar em mim um philtro que te adoce,
«Ama-me, sim, porem sem a ideia da *posse*,
«Com um amor absconso, espiritual, silente,
«Ama-me *simplesmente* e religiosamente,
«Como se ama uma irmã, como se ama uma *morta!*

«Do meu peito não te abro a inviolada porta,
«Ah! deixa-me sonhar, ah! deixa-me dormir!

«Mas se uma vez, se um dia, acaso, no porvir,
«Meu peito despertar d'esse algido lethargo;
«Se eu vir, no claro azul illuminado e largo,
«Bonançoso accender-se o arco da Alliança;
«Se a grande aguia real do Amor e da Esperança
«Me apparecer a voar n'um vôo firme e franco;
«Então vestir-me-hei, como as noivas, de branco;
«Retomarei os meus encantos de mulher;
«Perfumarei meu corpo virgem, como Esther,
«Filha de Mardocheo, judia singular,
«Que teve o corpo seu meio anno a macerar,
«Antes de expor-se núa aos beijos d'Assuero;
«De galas ornarei meu coração austero;
«Meu rosto perderá esta côr mortuaria;
«E, vibrante d'amor, vibrante de paixão,
«Irei buscar-te, amigo meu, como a lendaria
«Rainha de Sabá foi buscar Salomão!»

Coimbra, 2 de janeiro de 1890.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

Coimbra, Typ. de M. C. da Silva.

VERSOS DE EUGENIO DE CASTRO

CRYSTALISAÇÕES DA MORTE — (1884). — *Edição esvaida.*

CANÇÕES D'ABRIL — (1884); antiloquio de João de Deus. — *Edição esvaida.*

JESUS DE NAZARETH — (1885).

PER UMBRAM... (1887). — Sumptuoso in-folio com um debuxo de M. G. Bordallo Pinheiro. Tiragem de 50 exemplares numerados. — *Edição esvaida.*

HORAS TRISTES — (1888). Brochura elzeviriana; tiragem de 90 exemplares numerados, em china, japão, whatman e hollanda. — *Edição prestes a esvair-se.*

OARISTOS — (1890). Tiragem de 300 exemplares, numerados.

IMMINENTE:

A RAINHA DE SABÁ, poema dramatico.

Coimbra, Typ. de M. C. da Silva.